

A MEMÓRIA DA RESISTÊNCIA NEGRA NA REPRESENTAÇÃO DO QUILOMBO DOS PALMARES EM ANGOLA JANGA

Angola Janga: kingdom of runaway slaves's representation of black resistance in Palmares Quilombo

La memoire de la resistance noire dans la representation du Quilombo dos Palmares en Angola Janga

Natane Rincon Azevedo¹

Resumo: Este artigo analisa a representação da memória da resistência negra na história em quadrinhos *Angola Janga*, de Marcelo D'Saete. *Angola Janga* foi publicado em 2017, pela editora Veneta, tendo ganhado os prêmios HQ Mix e Jabuti. Essa obra retrata o patrimônio cultural Serra da Barriga, ou Quilombo dos Palmares, por meio da luta pela emancipação das pessoas negras, conectando o passado e o presente no seu capítulo final. Nesse sentido, assemelha-se ao principal argumento para a patrimonialização da Serra da Barriga. Chinen (2019) e Lima Gomes (2022) são alguns dos autores utilizados para analisar o quadrinho, enquanto Rüsen (2016), Halbwachs (1990) Hall (2016) e Assmann (2008) são as principais referências para os conceitos de representação e memória neste trabalho.

Palavras-chave: Angola Janga. Quilombo dos Palmares. Patrimônio cultural.

Abstract: This article analyzes the representation of Black Resistance's memory in the graphic novel *Angola Janga: Kingdom of Runaway Slaves*, by Marcelo D'Saete. *Angola Janga* was published in 2017 by Veneta publishing house, having won the HQ Mix and Jabuti awards. This work portrays the cultural heritage of Serra da Barriga, or Palmares Quilombo, through the movement for the emancipation of Black people, connecting the past and the present in its final chapter. In this sense, it resembles the main argument for the listing of Serra da Barriga. Chinen (2019) and Lima Gomes (2022) are some of the authors used to analyze the comic, while Rüsen (2016), Halbwachs (1990), Hall (2016), and Assmann (2008) are the main references for the concepts of representation and memory in this work.

Keywords: Angola Janga. Palmares Quilombo. Cultural heritage.

¹ Natane Rincon Azevedo é jornalista, especialista em História e Cultura (UFG), Mestra em História (UFG). Atualmente é Doutoranda em História (UFG) e bolsista PDSE. E-mail: natyrincon@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4450536903859739>; Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0002-2168-7617>.

Resume: Cet article analyse la représentation de la mémoire de la résistance noire dans la bande dessinée *Angola Janga*, de Marcelo D'Salete. *Angola Janga* a été publié en 2017, par l'éditeur Veneta, il a gagné les prix HQ Mix et Jabuti. Cette œuvre représente le patrimoine culturel de la Serra da Barriga, ou Quilombo dos Palmares, à travers de l'émancipation des personnes noires, en se connectant au passé et le présent dans son chapitre final. Ce sentiment est l'un des principaux arguments en faveur de la patrimonialisation de la Serra da Barriga. Chinen (2019) et Lima Gomes (2022) sont quelques-uns des auteurs utilisés pour analyser le quadrille, tandis que Rüsen (2016), Halbwachs (1990), Hall (2016) et Assmann (2008) sont les principales références pour les concepts de représentation et de mémoire dans le travail.

Mots-clés : Angola Janga. Quilombo dos Palmares. Patrimoine culturel.

Introdução

O objetivo deste artigo é analisar a representação da memória da resistência negra por meio do Quilombo dos Palmares na história em quadrinhos *Angola Janga*, obra-prima de Marcelo D'Salete. O autor é quadrinista, ilustrador, Mestre em História da Arte e professor de Artes Visuais na Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da USP. *Angola Janga*, publicado pela editora Veneta em 2017, ganhou os prêmios HQ Mix 2018 (diversas categorias) e Jabuti 2018 (História em Quadrinhos, Livro do Ano). Nessa obra, o patrimônio cultural Serra da Barriga, ou Quilombo dos Palmares, é usado para conectar o passado e o presente por meio da luta pela emancipação das pessoas negras. Como veremos adiante, essa conexão também é a base para a patrimonialização da Serra da Barriga.

O Quilombo dos Palmares e o seu líder mais famoso, Zumbi, são figuras presentes nos quadrinhos brasileiros. Conforme Chinen (2019), a figura de Zumbi “se perpetuou como grande símbolo de resistência e, como tal, foi objeto de várias adaptações para os quadrinhos, desde relatos breves de poucas páginas até obras volumosas e resultantes de pesquisas mais aprofundadas” (Chinen, 2019, p. 241). A primeira versão dessa personagem histórica em quadrinhos teria sido pelo menos em 1955, na coleção *Aventuras Heroicas*, da editora *La Selva*, com roteiro do sociólogo Clóvis Moura e desenhos de Álvaro de Moya. Eugenio Colonnese e Pedro Anísio, Jô Oliveira, Krisnas e Togo, Antonio Cedraz, etc. também produziram quadrinhos sobre Zumbi e Palmares. Ainda segundo Chinen (2019), a produção sobre Zumbi e Palmares aumentou significativamente a partir da segunda década do séc. XXI.

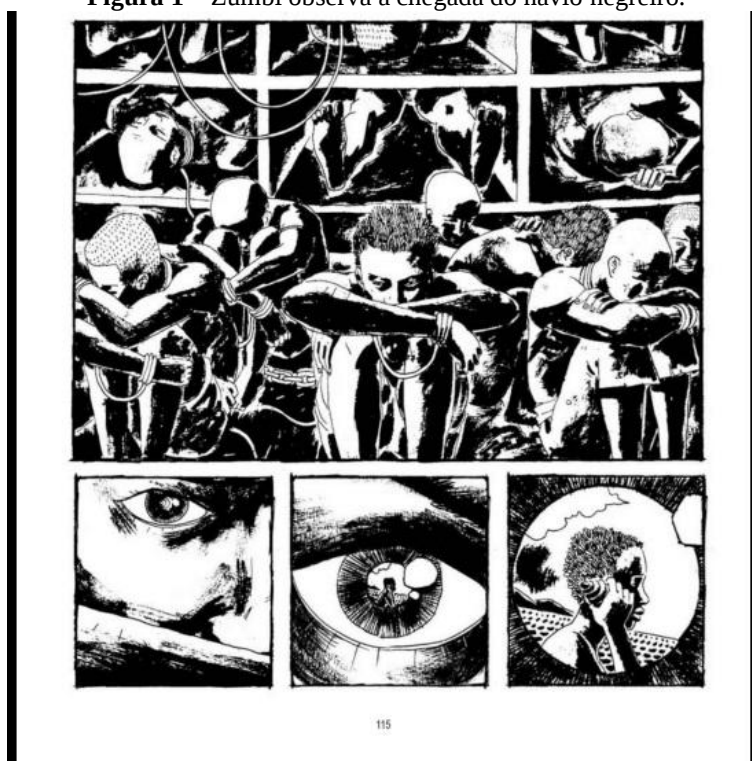
Porém, a versão de Krisnas e Togo, em 1984, teria sido a primeira a apresentar a “versão de que Zumbi tinha sido adotado pelo padre Antonio Melo e batizado de Francisco” (Chinen, 2019, p. 242) que também foi adotada por *Angola Janga*. Assim, desde pelo menos a década de 1950 que Zumbi e Palmares são tópicos abordados pelos quadrinhos brasileiros, com obras

que se aprofundam em uma possível biografia do icônico líder. Entretanto, o que faz *Angola Janga* se destacar é a busca pela historicidade e pela memória da resistência negra.

História e memória em *Angola Janga*

Francisco, que viria a se tornar Zumbi, escuta a chegada de um navio com escravizados, acorrentados, rodeados por corpos negros que morreram durante a viagem. No quadrinho do meio, o olho de Francisco funde-se com o reflexo do navio, numa representação de como observa a situação das pessoas negras no Brasil Colônia.

Figura 1 – Zumbi observa a chegada do navio negreiro.



Fonte: Angola Janga (D'SALETE, 2017, p. 115).

Angola Janga é uma obra de ficção construída a partir de uma rigorosa pesquisa bibliográfica. Conforme Jörn Rüsen (2016), a narração histórica é um sistema de operações mentais que definem o campo da consciência histórica. Para o autor, a História é uma interpretação da experiência do tempo. Logo, a narração seria o processo de atribuir sentido à experiência do tempo, um processo “de fazer ou produzir estrutura de experiência temporal tecida de acordo com a necessidade de orientar-se no curso do tempo” (Rüsen, 2016, p. 47), cujo produto seria “uma história”.

Rüsen (2016) cita três características da narração histórica: 1) está amarrada à mediação da memória; 2) organiza a unidade interna das três dimensões do tempo pelo conceito de continuidade; 3) serve para estabelecer a identidade de seus autores e ouvintes. A consciência histórica equivale “as situações genéricas e elementares da vida prática dos homens (experiências e interpretações do tempo) que constituem o que conhecemos como consciência histórica” (Rüsen, 2001, p. 54). *Angola Janga* contribui para a consciência história em relação ao Quilombo dos Palmares.

Já a memória pode ser dividida entre a memória individual e a memória coletiva, como demonstrou o trabalho de Halbwachs (1990). A memória individual se encontra no quadro de personalidade de um indivíduo, nas suas lembranças; enquanto a memória coletiva torna esse mesmo indivíduo, em determinados momentos, “simplesmente como membro de um grupo que contribui para evocar e manter as lembranças impessoais, na medida em que estas interessam ao grupo” (Halbwachs, 1990, p. 53). Dessa forma, a memória individual constituiria um ponto de vista sobre a memória coletiva.

Por sua vez, Assmann (2008) aponta que a memória possibilita a formação de uma consciência de identidade, tanto no nível pessoal quanto no coletivo. O autor diferencia entre o nível interno (memória pessoal) e nível social (memória é matéria da comunicação e da interação social). Assim, o autor define que a memória cultural “é uma forma de memória coletiva, no sentido de que é compartilhada por um conjunto de pessoas, e de que transmite a essas pessoas uma identidade coletiva, isto é, cultural” (Assmann, 2008, p. 118). Essa memória cultural é exteriorizada, objetivada e armazenada em formas simbólicas que são estáveis e transcendentais à situação.

De acordo com Hall (2016), a cultura é composta pelos “significados compartilhados” entre um grupo. As representações seriam as práticas centrais que produziriam a cultura. Isso quer dizer que a linguagem constrói uma cultura de significados compartilhados e interpretações do mundo semelhantes que operam por meio do sistema representacional. “Na linguagem, fazemos uso de signos e símbolos – sejam eles sonoros, escritos, imagens eletrônicas, notas musicais e até objetos – para significar ou representar para os outros indivíduos nossos conceitos, ideias e sentimentos” (Hall, 2016, p. 18). Portanto, a representação pela linguagem seria essencial aos processos de produção de significados. *Angola Janga* é uma história em quadrinhos, unindo as imagens visuais à linguagem escrita.

Embora os indivíduos possuam diversas identidades e a memória seja um sistema aberto, “há sempre estruturas que relacionam a memória a horizontes específicos de tempo e identidade nos níveis individual, geracional, político e cultural” (Assmann, 2008, p. 122). Dessa maneira, a participação do grupo na manutenção da memória cultural é sempre relevante. Marcelo D’Salete é um homem negro, que carrega em si essa identidade cultural e as vivências da negritude é um tema central nas suas obras. *Angola Janga* traz a memória da resistência negra em Palmares, dos horrores da escravidão, inclusive entrelaçando os fatos históricos com a marginalização das pessoas negras na atualidade. O capítulo final faz um paralelo entre uma garota negra nos dias de hoje e uma jovem escravizada após a destruição de Palmares.

Figura 2 – Paralelo entre o passado e o futuro



397

Fonte: Angola Janga (D'SALETE, 2017, p. 392, 397).

Segundo Lima Gomes (2022), essa obra se insere em um contexto em que a produção de quadrinhos (romances gráficos) no século XXI é caracterizada, entre outras coisas, pela historicidade. *Angola Janga* conta a história do Quilombo dos Palmares e da resistência negra contra a escravidão no século XVII, durante a colonização portuguesa onde hoje é o Nordeste. Mais especificamente, na Capitania de Pernambuco, em um território que atualmente está entre os estados de Alagoas e Pernambuco. O formato de *Angola Janga* é quase episódico, com cada capítulo focando na narrativa de uma personagem, nas suas memórias e na maneira como a sua história se cruza com Palmares. O fio condutor principal é o arco de Antônio Soares, uma pessoa escravizada que se junta ao quilombo, torna-se o principal aliado de Zumbi, porém acaba por traí-lo e entregá-lo para os bandeirantes e o governo.

Among those who erupted in the present scene aligned with the criticism against the maintenance of racist structures in Brazilian society, one of the most internationally celebrated by the public and the specialized critics is certainly Marcelo D'Salete. An artist and graphic illustrator, he is the author of Angola Janga, a monumental work that graphically elaborates on a "history of Palmares," as defended in the subheading of the Brazilian edition. It combines bibliographical, documental and iconographical research on topics like the African diaspora and the slavery in the Portuguese America with a dynamic narrative full of symbolisms linked to African-Brazilian culture (Lima Gomes, 2022, p. 110).²

As primeiras obras de Marcelo D'Salete focavam em uma São Paulo urbana e contemporânea, abordando temas como racismo, violência, morte, assim como a emancipação de homens e mulheres negras. Já Cumbe (2014), *Angola Janga* e o recente *Mukanda Tiodora* (2023) buscam a história do Brasil Colônia, das pessoas escravizadas e daquelas que resistiram à escravidão. As obras de D'Salete, sobretudo *Angola Janga*, já foram objeto de estudos pela academia, por exemplo, pela pesquisadora germânica Jasmin Wrobel e pelos historiados Flavio Gomes e Ivan Lima Gomes. Para este último,

² Em tradução própria: "Entre aqueles que irromperam na cena atual alinhados ao criticismo da manutenção das estruturas racistas na sociedade brasileira, um dos mais celebrados pelo público e pela crítica especializada com certeza é Marcelo D'Salete. Um artista e ilustrador gráfico, ele é o autor de *Angola Janga*, um trabalho monumental que graficamente detalha a "história de Palmares", como é defendido no prefácio da edição brasileira. *Angola Janga* combina pesquisas bibliográficas, documentais e iconográficas, em tópicos como a diáspora africana e a escravidão na América Portuguesa, com uma narrativa dinâmica cheia de simbolismos conectados a cultura afro-brasileira".

Part of the relevance of D'Salete's work is his effort to suggest a deep reconsideration of Brazilian historiography, not only in terms of topics and issues at first neglected in academic research on slavery, but in a way close to what the French historian Ivan Jablonka suggested as the "third continent," where the narrative potentialities of history and fiction join forces to develop an affective and effective way of narrating the past: an emotional and affectionate understanding of the past is necessary to lead to a record of History – and of a history of historiography as a critic of historicity (Araújo, 2013, pp. 34–44) – which sees the past as a sphere of possibilities that suggest challenges to present times. As a result of the Portuguese process of colonization and its domination project upon African bodies, Palmares is a place/continent full of histories to be told. This also leads to another combination from the perspective of History as a discipline and its public relevance to discuss the experience of colonialism embodied in the trajectories of black men and women, which goes along with the public extent of historical knowledge and the importance of Angola Janga in mediating these discussions (Lima Gomes, 2022, p.113 e 114).³

Já o pesquisador da presença de personagens negros em quadrinhos, Nobu Chinen, também considera *Angola Janga* uma obra fundamental, conforme entrevista para o catálogo *re/traçar história/s: quadrinhos e resistência negra – Cadernos do Instituto Luso-Brasileiro*. “Inegavelmente, Angola Janga, de Marcelo D’Salete, que também tem Zumbi como um dos protagonistas, é importantíssimo para dar visibilidade a esse personagem, mas a versão infantil, de Cedraz, é igualmente fundamental por ser voltado ao público infantil” (Lima Gomes, 2023, p. 38). Chinen destaca ainda que o “próprio Marcelo D’Salete tem mestrado em Arte e, embora não seja um trabalho estritamente acadêmico, Angola Janga é fruto de uma pesquisa muito bem fundamentada, embasada em extensa bibliografia” (Lima Gomes, 2023, p. 39). Marcelo D’Salete cita os trabalhos dos historiadores Clóvis Moura, Décio Freitas, Ivan Alves Filho, Flávio Gomes, entre outros, como inspiração para o quadrinho.

O próprio Marcelo D’Salete produziu pesquisas sobre a presença negra na arte, cultura e história. “O meu mestrado é sobre arte afro-brasileira. Tudo isso propiciou um universo de referências para falar sobre a experiência negra em um país como o Brasil. E como esta

³ Em tradução própria: “Parte da relevância do trabalho de D’Salete é o esforço com o qual sugere uma reconsideração da historiografia brasileira, não só em tópicos e problemas relacionados às negligências nas pesquisas acadêmicas da escravidão, mas também que se aproxima do que o historiador francês Ivan Jablonka sugeriu como o “terceiro continente”, quando as potencialidades da história e da ficção juntam forças para desenvolver uma afetiva e efetiva forma de narrar o passado: uma compreensão emotiva e afetiva do passado é necessária para a recordação da História - e da própria história da historiografia como uma crítica da historicidade (Araújo, 2013, pp. 34–44) - que vê o passado como uma esfera de possibilidades que sugerem desafios para o tempo presente. Como um resultado do processo de colonização portuguesa e de seu projeto de dominação dos corpos africanos, Palmares é um lugar/continente cheio de histórias para serem contadas. Isso também leva para uma outra combinação da perspectiva da História enquanto disciplina e da sua relevância pública para discutir as experiências do colonialismo incorporadas nas trajetórias de homens e mulheres negras, o que está em consonância com a extensão pública do conhecimento histórico e da importância de Angola Janga em mediar essas discussões”.

sociabilidade de hoje é moldada a partir de fatos históricos” (Lima Gomes *et. al.*, 2019, p. 119). Esse é o caso de sua Dissertação de Mestrado, *A configuração da curadoria de arte afro-brasileira de Emanuel Araújo*. Em entrevista para Ivan Lima Gomes, Marcelo D’Saete deu detalhes do processo de criação de *Angola Janga*.

A elaboração do Cumbe e do Angola Janga começou por volta de 2004. Não tinha uma ideia muito clara do que eu estava fazendo logo no início. Sabia que era algo falando sobre Palmares, sobre um grande conflito armado. Vamos dizer assim: o tamanho, a dimensão dessa empreitada foi se formando com o tempo. Aos poucos, notei que havia algo para explorar, usando o formato quadrinhos, em termos de resistência contra a violência do período colonial. Uma forma de contra narrativa, opondo-se ao conceito de harmonia racial e social em nossa formação, que persiste ainda hoje. No momento de uma eleição presidencial acirrada, este debate aparece ainda mais. Esses discursos tentam anular conflitos intensos contra um projeto colonial e centralizador. Formas de resistência protagonizadas pela população marginalizada, negra e indígena. [...] A ideia é humanizar esses personagens e fazer com que as pessoas vivenciem, de certo modo, aquele período a partir deles, observando, também, as suas contradições (Lima Gomes *et al.*, 2023, p.119-120).

Importante destacar que *Angola Janga* foi lançada entre 2017 e 2018, ano de disputa presidencial no Brasil. Na época, o então candidato Jair Bolsonaro proferiu inúmeras ofensas racistas, como comparar os quilombolas com animais, afirmando que poderiam ser pesados em “arrobos”. Enquanto isso, Mourão, o candidato à vice-presidência na chapa de Bolsonaro, exaltou o embranquecimento na própria família (Lima Gomes *et al.*, 2023). Retomando a obra, para o autor, *Angola Janga* se assemelharia a um romance, pois a história foca em Soares, principalmente, e em vários personagens “que trafegam, conduzem essa narrativa junto com ele. Em alguns momentos, eu acabo dando mais atenção para outros personagens, mas ele é o fio condutor que está ali no começo, meio e fim da narrativa” (Lima Gomes *et al.*, 2023, p. 121). Soares seria, afinal, aquele a trair Zumbi, entregando-o para as autoridades.

Porém, o final de Zumbi é poético: a personagem rejeitou o cristianismo quando retornou para Palmares, por causa do papel dessa religião na manutenção da escravidão. Na história, ele fora sequestrado ainda bebê pelos assassinos dos pais e entregue para um padre jesuíta, mas fugiu para Palmares na pré-adolescência. Porém, o seu final remete ao de Jesus Cristo, recebendo Judas de braços abertos após a traição.

Figura 3: Traição de Soares



Fonte: Angola Janga (D'SALETE, 2017, p. 358).

O cuidado da narrativa com a história está presente no prefácio, no glossário, na presença de mapas, no posfácio e no início de todos os capítulos, que sempre apresentam trechos de fontes que serviram de inspiração. Inclusive, isso estaria também nas escolhas linguísticas: “angola janga” seria o termo usado pelos próprios habitantes de Palmares para se referir ao local, enquanto “mocambo” era o termo para as comunidades posteriormente denominadas de “quilombos”. Entretanto, embora Marcelo d’Salete tenha feito uma ampla pesquisa e se ancorado em trabalhos de historiadores sobre Palmares, os quais são discutidos no posfácio *Picadas e sonhos*, o autor afirma que:

Esta “não é “a” história. Mas “uma” história de Palmares. Uma possibilidade de interpretar e reimaginar fatos. Há diversos modos de abordar o conflito. Os dados históricos são pistas, indícios, que podem ajudar a caminhar por aquela picada em mata fechada. Há documentos principalmente das últimas décadas da batalha. Essas fontes são de soldados, oficiais, senhores de engenho, governadores, padres etc. Enfim, pessoas comprometidas com a destruição de Palmares. Esta obra, por sua vez, pretende conduzir a narrativa a partir do olhar dos palmaristas. Para isso a ficção tem um papel significativo. É a partir dela que podemos transpor muros e acessar, pela poesia e arte, aqueles homens e mulheres. Grande parte das pessoas alevantadas em Palmares seria oriunda dos antigos reinos do Ndongo, Matamba, Kongo e outros próximos (principalmente nos séculos XVI e XVII). Eram africanos falantes do quimbundo, ovimbundo, umbundo etc. Uma parcela menor viria de outros locais. A cultura dos mocambos, então, era uma amálgama de tradições, em grande parte banto. As estimativas oficiais referem-se a cerca de 12 milhões de africanos trazidos para a América, mais de 5 milhões para o Brasil. Sabemos que o tráfico foi além disso. Os números reais, sendo assim, são muito maiores. [...] As primeiras notícias sobre os mocambos da Serra da Barriga em Pernambuco datam de 1597. [...] Nas serras de Pernambuco, mais de uma dezena de mocambos formavam Angola Janga. A maioria produzia milho, mandioca, feijão, batata-doce e banana. Em seu auge, Palmares congregou mais de 20 mil pessoas. Os mocambos maiores tinham 6.000 pessoas, como a capital, Macaco (D’Saete, 2017, p. 419 e 420).

Assim, *Angola Janga* é uma obra de ficção construída a partir de uma ampla pesquisa histórica. Os lugares retratados e as suas personagens, em sua maioria, existiram de fato. Esse é o caso do Quilombo dos Palmares, o maior e talvez mais importante quilombo da história do Brasil. Palmares permeia o imaginário nacional, tal como Zumbi faz parte dos heróis nacionais. Afinal, o dia da Consciência Negra, 20 de novembro, é em sua homenagem. Além disso, a Serra da Barriga, por ser onde se localizava Palmares, é um patrimônio cultural nacional e do Mercosul. A memória da resistência negra em *Angola Janga* está intimamente conectada ao Quilombo dos Palmares.

Figura 4 – Palmares na memória de Zumbi



Fonte: Angola Janga (D'SALETE, 2017, p. 372).

A memória da resistência negra patrimonializada

O patrimônio cultural é uma narrativa sobre o passado, que produz um discurso sobre a identidade nacional. Por causa do processo histórico da formação do patrimônio no Brasil, existe a distinção entre patrimônio material e patrimônio imaterial. Durante as primeiras décadas da patrimonialização no Brasil, o órgão federal responsável optava por bens que remetessem ao passado colonial, como igrejas católicas. A maioria dos prédios tombados pertenciam aos estados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, por exemplo.

Porém, a partir das décadas de 1970 e 1988, há uma mudança no Brasil e no mundo com relação à percepção do patrimônio cultural. A gestão de Aloísio Magalhães a frente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) contribuiu para uma ampliação da noção

de patrimônio (Azevedo, 2023). Essa ampliação culminaria na definição vigente da Constituição de 1988: “Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (Brasil, 1988).

É neste cenário que se encaixa a patrimonialização da Serra da Barriga. A reabertura política com a redemocratização do país após a Ditadura Militar fez com que os “temas relativos às identidades do “cidadão brasileiro” passaram a ser abertamente discutidas e problematizadas. Nesse contexto de debates, o quilombo de Palmares foi retomado como símbolo do que poderia ser o Brasil e o idealizado “povo brasileiro”” (Carvalho, Funari, 2010, p. 9). Ainda segundo esses autores, “Palmares torna-se um espaço no passado para construir quem nós somos (ou gostaríamos de ser) no presente. Símbolo social, o Quilombo é constantemente alterado de acordo com contextos sociais específicos” (Carvalho, Funari, 2010, p. 10).

Assim, uma maneira “de resistir a este modelo escravagista foi por meio da formação desses refúgios, nomeados em território brasileiro como “quilombos” [...] sendo uma forma de rebelião e estratégia de sobrevivência contra o sistema imposto da época” (Villarinho, 2020, p. 64408). Nesse sentido, “a Serra da Barriga constitui o cenário de uma das mais importantes histórias de resistência ao colonialismo predatório e a escravidão, período marcado por uma rigorosa repressão” (Villarinho, 2020, p. 64409).

O Iphan inscreveu a Serra da Barriga no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Histórico em 1986. O processo teve início em 1981, com um Conselho Geral para a criação do *Memorial Zumbi: Parque Histórico Nacional*. A Fundação Cultural Palmares foi criada em 1988, no contexto da nova constituição federal e da ascensão do movimento negro no país. Com uma ampla participação do Iphan e da Fundação Cultural Palmares no processo político, a Serra da Barriga tornou-se patrimônio cultural do Mercosul em 31 de maio de 2017. O potencial turístico do Parque Memorial Quilombo dos Palmares, localizado na Serra da Barriga, foi levado em consideração durante esse processo. O dossiê do Iphan destacou que a candidatura se deve ao:

[...] reconhecimento dos indivíduos e suas comunidades de matrizes africanas no continente americano, assim como nos estados nacionais da região (...) também à reparação às perseguições e à intolerância praticadas e reveladas em meio aos quilombos, refúgios de negros “foragidos” e perseguidos por séculos e que hoje, como não poderia deixar de ser, são reconhecidos como testemunhos da resistência e dos processos de resignificação das referências culturais dos afrodescendentes na construção das identidades da América, em especial dos países do MERCOSUL [...] Serra da Barriga é um bem cultural situado no território do MERCOSUL, reflexo e resposta dos sujeitos que foram escravizados sob um sistema colonial europeu baseado na escravidão; representa a história fundadora de territórios e memórias coletivas sociais; representa o fato histórico nacional ligado à questão da resistência ao sistema escravagista e representa as lutas sociais contemporâneas de (re)valorização cultural e social de origem africana. Sendo estes os argumentos que asseguram sua relevância significativa como Patrimônio Cultural do MERCOSUL, visto que “reforça a compreensão das dinâmicas sociais como importantes para a história dos povos africanos” (Villarinho, 2020, p. 64412).

O quadrinho *Angola Janga* aborda esse patrimônio cultural em todas as suas facetas: está ali a memória da escravidão, e com ela as violências, torturas e desumanizações impostas aos negros durante séculos. Entretanto, também mostra a resistência encarnada por Palmares. As múltiplas culturas africanas aparecem nos adereços das personagens, nas visões religiosas e nas casas de Palmares. As comunidades criadas nos quilombos, os laços, as plantações, as casas e outro aspectos das vidas cotidianas dessas pessoas que fugiram e criaram um espaço digno para si dentro do Brasil. As ligações com as vilas do entorno do quilombo também aparecem na obra, mostrando que Palmares não se encontrava isolada.

Quando o então líder, Ganga Zumba, fez um acordo com os portugueses em troca da liberdade apenas para os nascidos em Palmares e da entrega dos escravizados fugidos, Zumbi e a maioria dos habitantes do quilombo recusaram: há um senso de identidade coletiva, de horror a devolver os que fugiram para a escravidão. Zumbi morreu como um herói e Palmares foi destruído, mas a “ideia” de Palmares sobreviveu no final do quadrinho: Andala, uma mulher de Palmares, conseguiu fugir e voltou para resgatar os seus conterrâneos presos na senzala e levá-los para um novo quilombo. Assim, na obra de Marcelo D’Salete, Palmares termina por transcender a Serra da Barriga e se expandir para todos os quilombos que representaram a resistência à escravidão no Brasil.

Considerações Finais

Em *Angola Janga*, Marcelo D’Salete criou uma das obras mais importantes produzidas no Brasil. A sua importância transpassou os quadrinhos, seja pelo cuidado ao abordar os fatos históricos, seja pelo reconhecimento local e internacional. A memória da resistência negra é

engrandecida na obra. *Angola Janga* mostra o tamanho de Palmares, uma resistência que durou quase um século e sobreviveu em todos os outros quilombos brasileiros. Além disso, temos aqui as raízes do movimento da emancipação das pessoas negras: os quilombos e todas as outras formas de resistência à escravidão. Marcelo D'Saete demonstra que a figura da pessoa negra passiva diante da escravidão e do racismo, que durante séculos permeou o imaginário nacional, não passa de uma fantasia escravocrata. O símbolo de resistência encarnado pelo Quilombo dos Palmares é a maior prova disso.

Referências

- ASSMANN, Jan. Communicative and cultural memory. In : ERLL, A. *et al.* **Cultural memory studies: an international and interdisciplinary handbook**. Berlin, New York : De Gruyter, 2008. p. 109-118.
- AZEVEDO, N. R. **A representação do movimento para salvar o Jôquei Clube de Goiás pela imprensa goiana**. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de História (FH), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023.
- BRASIL. **Constituição** da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.
- CARVALHO, A. V. de. FUNARI, P. P. A. O Direito à Diversidade: Patrimônio e Quilombo de Palmares. **Revista Internacional de Direito e Cidadania**, n. 6, p. 7-15, fev. 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Pedro-Funari/publication/228647181_o_DirEito_a_DivErSiDADE_PAtrimonio_E_quiLomBo_DE_PALmArES/links/55dfcd4608aede0b572b9444/o-DirEito-a-DivErSiDADE-PAtrimonio-E-quilombo-DE-PALmArES.pdf Acesso em: 10 mar. 2024.
- CHINEN, N. **O negro nos quadrinhos do Brasil**. São Paulo: Peirópolis, 2019.
- D'SALETE, M. **Angola Janga: uma história de Palmares**. São Paulo: Veneta, 2017.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicurl, 2016.
- LIMA GOMES, I. Black visualities in Brazilian comics: a historical overview. In: FERNÁNDEZ, L. C. *et al.* **Burning Down the House: Latin American Comics in the 21st Century**. London: Routledge, 2022.
- LIMA GOMES, I. **Por uma história negra dos quadrinhos no Brasil: entrevista com Nobu Chinen**. In: SCHOLZ, J. *et al.* **re/traçar história/s: quadrinhos e resistência negra – Cadernos do Instituto Luso-Brasileiro**, s./v., n. 3, 2023.
- LIMA GOMES, I. *et al.* “Imaginando uma outra história da resistência negra: entrevista com Marcelo D'Saete”. **ArtCultura**, v. 21, n. 39, 2019. p. 117–124. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7295794.pdf> Acesso em: 10 mar. 2024.

RÜSEN, J. Narração histórica: fundações, tipos, razão. In: MALERBA, J. **História e Narrativa**: a ciência e a arte da escrita histórica. Petrópolis (RJ): Vozes, 2016.

RÜSEN, J. Pragmática – a constituição do pensamento histórico na vida prática. In: RÜSEN, J. **Razão histórica**. Teoria da História: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: Ed. da UNB, 2001. p.95-147.

VILLARINHO, R. M. História e patrimônio cultural do Mercosul: um estudo sobre os discursos acerca da Serra da Barriga - Quilombo dos Palmares. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.6, n.9, p. 64407-64418, sep. 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/16024> Acesso em? 10 mar. 2024.

Recebido em: 4 de junho de 2025
Aceito em: 18 de novembro de 2025
